

# Cultivo de soja avança para a Amazônia

*Hidrovia permite escoar produção e grupos pesquisam variedades mais adequadas ao clima*

RENATO STANCATO

A cultura da soja no Brasil prepara-se para dar mais um salto, conquistando sua última fronteira: a Amazônia. Melhores condições de logística para o escoamento do grão estão estimulando a instalação da cultura na região. O maior impulso à cultura foi dado pela hidrovia Porto Velho (RO) - Itacoatiara (AM). Criada para escoar a produção de soja no Noroeste do Mato Grosso, a hidrovia tornou viável o trânsito de grãos pelo rio Amazonas até o Atlântico.

Outro impulso para a produção de soja está na construção da rodovia Cuiabá-Santarém. Concluída, a estrada se converterá em um grande corredor de exportação de soja do centro do Mato Grosso, beneficiando também algumas regiões do Pará.

O seu potencial de produção não escapou aos olhos do Grupo Maggi, maior produtor de soja no Brasil. O grupo está financiando pesquisas de variedades adequadas para diferentes regiões da Amazônia, em conjunto com a Fundação Mato Grosso e Embrapa. A áreas pesquisadas abrangem em sete pólos da região.

Santarém é uma das regiões com grande potencial, na avaliação de Luiz Antônio Pagot, diretor da Ermasa, a Companhia de Navegação do Grupo Maggi. A cidade possui um porto com calado que possibilita a atracação de grandes navios. Do ponto de vista agrônomo, a terra também pode abrigar a soja, com algumas correções.

A Ermasa está começando a construir um terminal graneleiro em Santarém. O terminal terá capacidade para 75 mil toneladas e já deve operar no ano 2.000. Ou-

tras grandes empresas agropecuárias de soja já enviaram cartas de compromisso para a Companhia de Docas do Pará. Entre elas, a Cargill, ADM, Carolina, Erjack e Olvepar.

O potencial agrônomo da região se traduz, por exemplo, no teor de fósforo no solo. "Há cerca de 29 partes por milhão (PPM) nas terras da região e a soja já se torna produtiva com 7 PPM", afirma o agrônomo Eloi Elias do Prado, um dos coordenadores do projeto da soja da Embrapa/Fundação MT.

O alto teor do nutriente permite que um programa adequado de adubação economize em fertilizantes sem exaurir a terra. O solo de Santarém é ácido, precisando de correção com calcário. No entanto, a região possui minas de calcário e o Fundo de Desenvolvimento Rural do Pará vai financiar uma fábrica do produto no município.

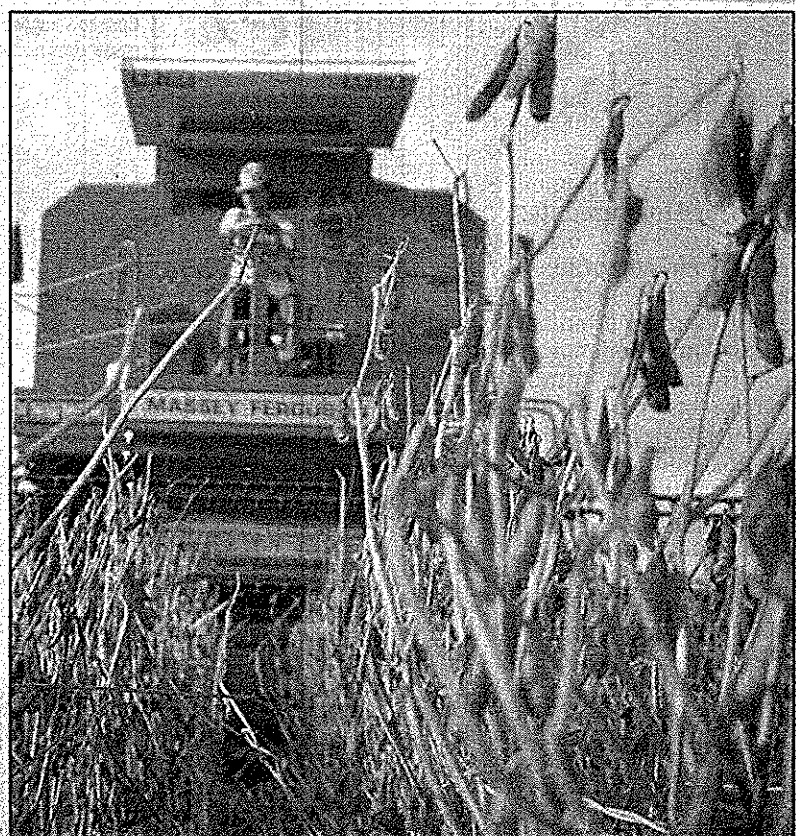
Além de abrigar uma área de testes para 28 cultivares, a cidade colhe a primeira safra comercial este ano. São 850 hectares, plantados pelo produtor Francisco Quincó, que contou com o auxílio do Grupo Maggi no financiamento de adubo em condição de receber a safra em Itacoatiara.

## SANTARÉM TEM TERRA PROPÍCIA PARA PLANTAÇÃO

A pesquisa realizada na Amazônia desenvolveu cinco cultivares que já são plantadas em Rondônia e Maranhão e poderão ser implantadas em Santarém. "São cultivares que devem garantir uma

produtividade de pelo menos 50 sacas por hectare", diz Prado. "Porém, só em 3 anos teremos uma avaliação precisa das cultivares e manejo adequados ao município." As duas variedades plantadas por Quincó, adaptadas ao cerrado, deverão ter um rendimento inferior. "Se tudo correr bem, ele vai empatar o capital investido", afirma.

A disponibilidade de terra em Santarém é outro trunfo do município. A região tem hoje 420 mil hectares de áreas degradadas, das quais 120 mil hectares são agricultáveis. Em todo Oeste do Pará, estima-se que apenas 3 mil hectares são utilizados. (AE)



Condições favoráveis atraem investimentos para a produção de grãos

Jose Maria Tomazela/AE

## As conseqüências da substituição

### As mudanças no perfil de uso da terra trazem problemas para os pequenos produtores

A mudança do perfil de utilização da terra na região amazônica traz um dilema social para os municípios. A região abriga muitos pequenos produtores, que vivem da fruticultura e de culturas de subsistência.

A tendência é a de que eles vendam suas terras para produtores mais capitalizados. Como viverão depois disso? "Precisamos impedir que esses pequenos produtores venham para a cidade e sejam marginalizados", afirma o produtor Francisco Quincó, um dos líderes dos fazendeiros da região.

Ele está propondo ao governo paraense um projeto para agrupar os pequenos em uma única grande área, para que trabalhem em sistema cooperativo. "Se existir um bom

projeto, esses pequenos produtores vão até reduzir o desmatamento nas áreas em que trabalham", afirma.

João Menezes, 50 anos, é um bom exemplo das dificuldades por que passam os pequenos produtores. Dono de 15 hectares de terra nos arredores da cidade, produz mamão formosa, maracujá, urucum, abacaxi e cultivava uma pequena roça de feijão.

O produtor conta que sua renda se reduziu nos últimos anos, coincidentemente com o Plano Real. "Antes, compradores venezuelanos atracavam em Santarém para comprar mamão, mas hoje a gente não tem para quem vender", conta. "Nem dá gosto de levar para a cidade, porque tem de trazer de volta."

A falta de alternativa econômica na região nos últimos anos tem provocado migração para as grandes ci-

dades da Amazônia.

O destino é quase sempre Manaus e Belém. "Aqui tem mais mulher do que homem justamente porque os rapazes estão sempre partindo para Manaus atrás de emprego", comenta Elza Gomes, garçoneite em uma pequena barraca em Alter do Chão, paradisíaca praia no rio Tapajós que fica a 33 km de Santarém.

"Aqui, todo mundo tem um familiar que foi tentar a sorte lá", diz, olhando para a praia, entremeada de barracas por todos os lados. Encravada entre os rios Tapajós e Amazonas, a riqueza natural de Santarém

impede que haja miséria na região. Os rios possuem intensa população de tucunarés e tambaquis que são pescados artesanalmente. A fartura de frutas e de caça também garante o sustento dos ribeirinhos. (RS.)

## MIGRAÇÃO AUMENTA E PREOCUPA MUNICÍPIOS